

# E QUEM MORA NO MORRO?

*Abílio Silva*



PAULUS

Direção editorial  
Claudio Avelino dos Santos

Coordenação editorial  
Alexandre da Silva Carvalho

Diagramação  
Marcelo Campanhã

Ilustração de capa  
???????

Impressão e acabamento  
PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Silva, Abílio  
E quem mora no morro? / Abílio Silva. – São Paulo: Paulus,  
2015.

1. Ficção brasileira I. Título.

15-02092

CDD-869.93

---

Índices para catálogo sistemático:  
1. Ficção : Literatura brasileira 869.93

Edição especial para Assistência Social  
PAULUS – 2015

© PAULUS - 2015  
Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 São Paulo (Brasil)  
Fax (11) 5579-3627 • Tel. (11) 5087-3700  
www.paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

789121055489

**n**ão seria possível escrever esta estória se não fossem tantas outras lidas no passado. Agradeço a Maria José Dupré por me levar à *Ilha Perdida* com tão pouca idade; ao Marcos Rey, por me conduzir pelos corredores do *Mistério do Cinco Estrelas*, e tantos outros autores da coleção Vaga-Lume. Dedico com grande apreço e carinho cada linha e cada cena imaginada neste livro à memória de dona Maria Olímpia Nogueira. O que seria de nós, seus alunos, sem sua dedicação e incentivo às artes cênicas e à literatura na pequena cidade do interior?

**Somos nós que fazemos a vida  
Como der, ou puder, ou quiser.  
Sempre desejada por mais que esteja errada,  
Ninguém quer a morte, só saúde e sorte.  
E a pergunta roda, e a cabeça agita.**

*(O que é, o que é?, Gonzaguinha)*

**M**uitas pessoas querem falar sobre o que é família. Muitos querem definir, conceituar, impor ideias, mas se esquecem de algo essencial sobre essa questão: família é amor, sentido, calor e, especialmente, acolhida. Da mesma maneira que o fogo ilumina, aquece e faz brotar vida, a família é esse fogo que sempre exige o cuidado de ser alimentado com lenha de boa qualidade, e precisa, de vez em quando, daquela mexida nas brasas para não se apagar.

A família do seu Alberto é meio louca; ele e seus familiares vivem num lugar muito colorido e divertido, no qual música e comida boa não faltam. O samba e o pagode são os motores daquela casa. Ali, família vai muito além de pai, mãe e filhos; o sangue é o que menos importa, pois o amor e a alegria prevalecem. Aos trancos e barrancos, eles não deixam que a vida os leve, mas levam a vida sem medo de ser felizes. As tristezas também existem e são reais, mas ninguém na casa de seu Alberto está interessado na tristeza, por mais que ela persista em querer ficar; quem tem lugar cativo ali é a alegria.

## Capítulo 1

# É FAVELA

**S**exta-feira, cinco e meia da manhã, a ladeira escorregadia pelo orvalho da noite, que não consegue mais resistir ao dia empurrando o sol para o alto, acolhe dezenas de trabalhadores. Quase todas as mulheres deixam seus filhos em casa, ainda sonhando com o último dia de trabalho na semana. A agitação no Morro do Bafo Quente começa. As crianças, que repousavam seus corpos cansados de jogar bola e brincar nos becos, vão para a escola com os bolsos carregados de cartas de animes japoneses. A dedicação desses alunos no jogo deixará, mais tarde, as professoras de cabelos em pé, porque eles não se concentrarão nos exercícios de matemática, mas nos duelos de cartas, na esperança sempre fervorosa de derrotar o oponente mais poderoso, com o medo tênue de perder o próprio patrimônio.

Dona Neide, ou Neidinha, como é conhecida no Morro, é uma das mulheres que deixou a família em casa para a jornada de

trabalho numa casa de grã-finos, num bairro de classe média alta da cidade. A alegria expressada em seu sorriso, mesmo tão cedo, chega a parecer loucura para muitos. “Essa menina tem alegria no sangue, puxou a mim”, assim dizia sua mãe, Dona Carmem, que foi encontrada morta há três anos com um sorriso congelado no rosto. Morreu de repente, deitada no sofá, e o sorriso daquele momento acompanhou a defunta ao caixão. O zum-zum sobre o sorriso da falecida no salão de velórios Passos da Saudade é lembrado até hoje.

Já que tocamos no assunto da alegria embriagante de Neidinha, o melhor é explicar o porquê de essa sexta-feira ser tão importante. A família dela está organizando o maior pagode do ano em homenagem a seu Alberto. Vamos entender como é a família de Neidinha. Todo mundo mora junto: o sogro, seu Alberto, teve três filhos no primeiro casamento: Jair, Jairo e Jaime. O J foi uma homenagem aos Jackson Five, ídolos da falecida esposa, nos anos 1960. Do segundo casamento, nasceram cinco filhas: Keila, Karina, Karla, Katarina e Karolina. Os nomes se devem ao gosto do patriarca pela letra K; gosto, segundo ele, sem motivação específica.

Neidinha é nora de seu Alberto. Ela ama o sogro de paixão, talvez por ter perdido o pai muito cedo e ter se casado com Jair quando tinha apenas quinze anos. O sogro a trata como filha, e ela o defende até debaixo d’água. É tão verdade que um dia, quando a família foi à piscina, o velhinho ia se afogando, e Neidinha foi quem se jogou para salvá-lo.

A casa da família é um emaranhado de cômodos, janelas e portas construídos aleatoriamente uns sobre os outros. Aparentemente, estamos diante de uma grande confusão de cores, já que cada parede ganhou uma cor diferente, e cada porta, um formato

díspar. Há janelas nos lugares das portas ou portas que levam a espaços vazios, onde deveria haver pequenas sacadas. Para alguém que não vive ali, tudo pode parecer muito bagunçado; contudo, cada pedacinho daquela casa foi feito, e continua crescendo, com a contribuição de cada pessoa que ali vive. A neta mais nova de seu Alberto tem certeza absoluta de que ali é um castelo de um rei muito importante, e ela é a princesa desse reino. Não há quem discorde e ponto.

Não se encontra noutra bairro da cidade lugar mais animado, com espírito de família e união mais aflorado que o Morro do Bafo Quente. Churrasco na laje, roda de pagode e o esbarra-esbarra no sobe e desce das ladeiras e dos becos. As pessoas se conhecem e respeitam a diferença e a novidade guardada em cada um. As casas são tão juntas umas das outras que, às vezes, se misturam e parecem uma casa só; isso aumenta consideravelmente a confusão hermética dos moradores de outros bairros da cidade quando visitam o Morro. Se um dia falta pó de café, arroz ou açúcar em casa, é só dar um grito e o vizinho mais próximo “acode”, e se bobear entra, senta, toma o café, come os biscoitinhos e espera o jantar na maior folga, deitado no sofá; se o dono da casa não ficar esperto, quem vai escolher o canal da TV será o vizinho folgado, pois já é de casa mesmo.

Neidinha está toda preocupada com a festa de aniversário do sogro, no domingo. Toda semana tem pagode e churrasco na casa da família, porém neste domingo não poderia ser igual. É diferente dos outros dias nos quais, se não houvesse motivo para comemorar, a solução era inventá-lo e estava tudo certo. Afinal, não se faz oitenta e cinco anos todo ano, por isso a preocupação. A parte dela é organizar e distribuir as tarefas. Está quase tudo organiza-

do: a comida será o de costume, com alguns acréscimos especiais para valorizar as vontades pouco atendidas do velhinho: churrasco, queijo assado, empadinha da Adriana, arroz com açafrão; e ainda tem o bolo de mousse de maracujá encomendado e já quitado com a Dona Arlinda, a melhor boleira do morro e companheira de gafeira do seu Alberto desde a viuvez de ambos.

As músicas são responsabilidade do neto mais velho do seu Alberto, o Franklin, DJ da comunidade, responsável por animar a moçada com funk, pagode e até baile de charme no asfalto, nas épocas de concurso. Se o morro não dorme, a culpa é do Franklin, por trazer para a comunidade o que antes só era possível encontrar fora do morro. Faz alguns anos, não era possível sair de casa às três horas da madrugada. Hoje, depois dos encontros da rapaziada na rua para escutar música e se divertir, tem gente fazendo festa com carro de som parado até a lua se esconder. Durante o dia, os concursos de passinho com os cortes de cabelo estilizados dominam os becos e quadras comunitárias da favela, e, quase sempre, quem bota a galera pra cima é o Franklin. Quanto à diversão, Neidinha não vai precisar se incomodar. O problema aqui é se o filho dela trouxe as amigas deles, detestadas até a oitava geração por ela.

Mas hoje ainda é sexta; até domingo, muita coisa pode acontecer.

## Capítulo 2

### AI, IOIÔ, QUEM?

**L**á de cima, a nuvem preta de fumaça, que cobre a cidade e deixa seus moradores cada vez mais frequentadores dos postos de saúde e das clínicas, parece um desenho feito por uma criança com giz de colorir quebrado ao meio, que insiste em ficar escondido nos buraquinhos mais recônditos do estojo. Sentado na pequena varanda de parede azul e verde, com vista para os prédios da cidade, seu Alberto deixou que a neta mais nova falasse, e se permitiu o prazer sem igual de se deixar levar pela imaginação da pequena. Ele escutou as histórias de princesas e contos de fadas, de gatos que desaparecem e aparecem apenas com seu sorriso; lembrou-se de pessoas e situações de sua história, mergulhou no lado distante de sua vida, até hoje complicado de entender para um homem tão simples. O conto de fadas dele era outro. No reino em que ele vivia havia muito mais mistérios e tocas de coelhos que transportavam pessoas reais, e o amor era real, tangível.

– Vô, como era a vô?

– Sua avó era música, Alice. Eu chorava de saudade toda vez que ela descia para trabalhar.

– Como vocês se conheceram, vô?

– Naquela época, na década de quarenta, as coisas eram diferentes. Eu trabalhava de engraxate na estação de trem da cidade, via sua vô todo dia chegar e partir. Não fazia ideia de para aonde ela ia às oito da manhã nem de onde chegava às seis da tarde. Eu sabia que se eu engraxasse vinte pares de sapato já podia ir embora, mas não arredava o pé dali até sua avó aparecer. Um dia, tive coragem e a convidei para tomar um sorvete. Era calor de verão de dezembro, a pele dourada do ombro dela brilhava à luz do sol. A partir daquele dia, todos os outros que seguiram passamos juntos.

– E depois?

– Como e depois, Alice? Depois eu a pedi em casamento. Não teve festa, fizemos uma galinhada para os parentes, não podíamos gastar muito dinheiro porque não tínhamos. As economias garantiam um mês de aluguel, não dava para ter regalias. Mesmo assim, fomos felizes, e é graças a ela que você está aqui hoje. Seu pai foi o último dos filhos; foi o último a vê-la sorrir.

– E por que o senhor se casou de novo com a vô Cândida?

– Pensa, Alice, eu tinha três filhos, não sabia trocar uma fralda. Cândida veio me ajudar uns dias, eu dava uma ajuda a ela, mais por gratidão, porque o dinheiro era pouco. Ela foi ficando e foi me fazendo gostar dela todo dia um bocadinho. Até eu perceber que amar Cândida não ia acabar com meu amor por sua avó.

– Mas não é confuso ter duas esposas, e filhos das duas ao mesmo tempo, vivendo na mesma casa?

– Não dá pra explicar o que é família; é vivendo que se entende. Estes dias, aqui em casa, vão te ajudar a entender melhor esse

amor que une pessoas às vezes tão diferentes numa convivência cheia de altos e baixos. Não é o julgamento, mas o respeito que define o que é família. O que é família para você, Alice?

– Não sei, vô. Eu tenho colegas na escola que vivem com os avós, os pais morreram. Acho que família é casa, vô, onde a gente mora e um cuida do outro. Às vezes, minha mãe não pode fazer o almoço, mas a tia pode. Se eu fico doente e não tem remédio alguém arruma emprestado. Não sei, vô.

Aquele dia, à tarde, a conversa de seu Alberto com a neta trouxe-lhe muitas memórias, recordações e músicas. A saudade da primeira esposa não acaba; como ele diz, “a gente se acostuma, deixa ela fazer uma visita de vez em quando. A saudade não dói mais. Saudade é o amor por minha amada que se foi”.

**Ai, ioiô**

**Eu nasci pra sofrer**

**Foi olhar pra você**

**Meus zoinho fechou**

**E quando os óio eu abri**

**Quis gritar, quis fugir**

**Mas você**

**Eu não sei porque**

**Você me chamou**

(Ai Ioiô [Linda Flor] –

Henrique Vogeler, Luiz Peixoto, Marques Porto, Cândido Costa)

Seu Alberto percebeu quanto a vida é generosa. Quantas alegrias ele viveu nesses anos todos e quanta felicidade ainda há de viver nos últimos anos que lhe restam. A casa cheia de filhos, netos, parentes e vizinhos é o melhor que poderia ganhar. Na véspera

do aniversário, tantas lembranças aparecem e a alegria é só uma: viver, na verdade, viver e amar.

Era hora de essa nostalgia ir embora e deixar espaço para a euforia. Os netos mais novos estão chegando, sinal para o almoço. Algazarra de panelas, garfos e colheres raspando o fundo do prato, copos cheios de suco de uva, que colore a língua e deixa as crianças com dor na barriga de tanto rir umas das outras. As noras se espremem na pequena cozinha para organizar a bagunça. São nove netos, todos com fome e energia de sobra.

No meio de tanta paz e alegria escondida na simplicidade, seu Alberto descansou as vistas em Alice, naquele momento completamente envolvida com um pedaço de frango feito com açafrão, os dedos e unhas tingidos de amarelo e os cabelos cacheados amarrados para trás, com alguns fios insistentes que se erguiam em direção ao céu. Percebeu que também não sabe definir o que é família... e para que definir?

Com a idade que carrega, seu Alberto estava cansado de achar razão para tudo. A história é a razão, é por ela que todas as portas se abrem e ali está a verdade da sua família. Como todas as famílias do mundo, cheias de erros e acertos, belezas e feiuras.

## Capítulo 3

# DEIXA A GENGE MOLE

**N**eidinha toma diariamente o ônibus na estação Central, plataforma B, sempre muito cansada; porém toda sexta-feira a história é outra. Ela sai do serviço calçando tamancos de doze centímetros, presos aos pés e pernas com fitas verdes do mesmo tom da bandeira do Brasil; veste calças jeans, blusa de algodão cru, e usa uma faixa estampada de flores para segurar os fios negros de cabelo lindamente rebeldes, bem firme na cabeça. Ela segue caminhando com os fones de ouvido, escutando o pagode do momento, aquecimento para a noite de samba na sala de casa, onde se juntam amigos e vizinhos. Pode cair chuva, pode fazer sol, pode até nevar no morro, mas o sambinha da sexta-feira à noite é sagrado.

Quem é de casa e quem não é: todos se reúnem na sala e nos cômodos onde sobra algum espaço e, em meio a alegria e simplicidade, a generosidade da família se faz visível ao receber e celebrar. Como não poderia ser diferente, Franklin sempre traz um CD ou



um DVD, coloca na televisão e ali mesmo, no improviso, a família e os amigos se reúnem, cantam e dançam até de madrugada. Também não podem faltar uns petiscos, e isso fica por conta da Jacira. Ela mora no barraco do lado, faz salgadinhos e doces sob encomenda para festas de aniversário na favela, e durante os fins de semana é funcionária de uma empresa de festas. O cardápio do dia era coxinha de galinha com catupiry e empadinha de carne seca.

Já passava das onze da noite e um ti-ti-ti corria pela casa: “onde está Franklin que não chega para apertar o *start* e começar o samba?”. O pai dele, Jair, já telefonara mais de quinze vezes sem nenhum retorno do filho. Neidinha já estava ficando preocupada, mas não a ponto de perder o gingado. Mãe sempre conhece o filho, ela sabia que cedo ou tarde ele estaria ali, talvez com alguma surpresa desagradável.

A solução, pelo menos para espantar as conversas fiadas das vizinhas fofoqueiras, era começar a comer e dançar sem ele. Bastou colocar o DVD do *Raça Negra* para os casais começarem a dançar bochecha com bochecha, e as crianças atacarem os pratos recheados de salgadinhos e o suco de groselha azul e rosa, tão docinho que as formigas já formavam filas imensas ao redor das cadeiras onde estavam apoiados os quitutes e bebidas.

Na sala já estava tocando Zeca Pagodinho quando o sumido Franklin chegou, acompanhado de Zé Cavaco, seu melhor amigo e companheiro de idas e vindas, detestado por sua mãe e não por menos. Mas o que importa se a mãe gosta ou não dele? Zé Cavaco é um amigo, é sexta-feira, é samba, é festa e nada pode atrapalhar. Nada tira o sossego e alegria num dia desses.

Bom, isso até sua mãe descer os degraus da escada, irregulares e muito tortos, desiguais tanto na cor quanto na largura e

altura. A sensação de alívio e raiva se misturaram de tal forma que o tropeção foi inevitável; calçada com tamancos de doze centímetros na altura de quatro escalões do piso, ela voou direto e reto no colo de Zé Cavaco. Meio sem graça e com os olhos vermelhos de raiva, não diretamente fixos no amigo do filho, pois era um pouco caolha, ela se levantou como se nada tivesse acontecido, tirou suavemente os tamancos dos pés, arregaçou as barras da calça, e com a precisão do olhar de coruja, caminhou até o marido, segurou-lhe a mão, apertou sua cintura e dançaram como no dia em que se conheceram, para que a raiva sumisse de seus pensamentos. Por décimos de segundo, uma briga estaria armada e alguém, provavelmente, sairia dali com o coração ferido e a consciência pesada.

Olhares desconfortáveis e silêncio agudo se espalhavam; ninguém ousou trocar uma palavra sequer até seu Alberto sair decepcionado da sala rumo ao quarto. Com a idade pesando sobre as costas, os passos ficavam cada vez mais curtos e a força da gravidade agia bem mais carrancuda sob seus pés. Neste pequeno trajeto entre a sala e seu ambiente de repouso, no primeiro andar da casa para não precisar subir e descer escada a todo momento, ele pensou mais uma vez em sua família. Pensou em Franklin e no problema cabeludo trazido por ele à família. Por trás da alegria do neto, havia um lado obscuro; quase tão escuro quanto o buraco mais fundo, que não há escadas ou elevadores capazes de atingir seu fundo; uma queda sem fim, sem cor e sem vida. E esse destino ele não desejava para nenhum de seus filhos e netos.

O tumulto na sala logo passou; alguns vizinhos ainda ficaram, na esperança de comer os últimos quitutes guardados. Outros decidiram enganar a si próprios como se problemas não fossem problemas, e bastava uma música diferente para tudo voltar ao

normal. Para despachar o rancor no peito, Neidinha decidiu prolongar a festa até mais tarde, mas deu um aviso:

– Amanhã todos os parentes aqui em casa; a festa de seu Alberto começa amanhã e ai daquele desmemoriado que se esquecer de trazer o combinado.

## Capítulo 4

### A VIDA É BOA

**E**m qualquer instituição existe alguém para coordenar e organizar. Bagunça, algazarra e, como dizem os antigos, anarquia não têm vez em lugar algum. E para deixar todo mundo inteirado de direitos e deveres, ou mesmo endireitar o que está torto, existem líderes. Na escola é o diretor; na Igreja é o padre; na cidade é o prefeito e na comunidade é o líder comunitário. Não existe problema impossível para ele; se está fora de seu alcance, ele encaminha para quem possa resolver. Mas, na maioria das vezes, os problemas são simples e podem ser remediados no salão comunitário, todos os sábados, das dez da manhã às seis da tarde. Adelar é o líder comunitário no Morro do Bafo Quente, e também o conciliador voluntário da comunidade.

Depois de trabalhar durante anos como porteiro, durante o dia, e estudar Direito, à noite, ele conseguiu se formar, e é o único advogado da favela, o que lhe dá o direito de ser o conciliador de justiça e resolver vários problemas sem precisar ir a um tribunal.

Não é difícil perceber quão desatinada é a família de seu Alberto. Um de seus netos está com a pensão do filho atrasada; a mãe da criança procurou Adelar para resolver esse impasse. Os principais abacaxis a serem descascados são os problemas envolvendo conflitos familiares. Passa semana e entra semana, sempre terá alguém que se esqueceu de pagar a pensão do filho ou uma herança mal dividida.

A família de seu Alberto parece um grande formigueiro cheio de buraquinhos; pequenos túneis onde sempre alguém poderá se esconder e aparecer em momentos inesperados. Assim sendo, Fred, neto de criação da família, saiu de um desses buracos e causou a maior confusão nos preparativos da festa.

Enquanto boa parte dos parentes estava envolvida na preparação, a outra metade se desdobrou para solucionar o problema do Fred. A mãe do filho dele é conhecida na favela como Yesiquita Turbina. Não tem pessoa que não saiba de pelo menos uma história da garota. Talvez a mais famosa seja a viagem ao Paraguai.

Acontece que a menina é boliviana e veio para o Brasil em busca de trabalho nas confecções de roupas espalhadas pela periferia. Porém, a moça, sem documentos, num belo dia de sol, foi abordada pela polícia e convidada a sair do país em menos de vinte e quatro horas. Ela não pensou duas vezes: colocou algumas peças de roupas numa mochila meio surrada e sem alça, e desceu às pressas para o centro da cidade. Naquela época, eram comuns as excursões ao Paraguai para comprar muamba e revender nos camelôs da cidade.

Yesiquita pagou a passagem de ida, e sem saber como voltar, embarcou rumo ao Paraguai. Como não poderia ser diferente, criou confusão com vários passageiros, reclamou do banheiro sujo e do som alto da televisão, que, a essa altura, já passava o terceiro

filme do *Parque dos Dinossauros*. A viagem foi longa, cansativa e, no final, a fome estava atormentando os poucos nervos ainda restantes de Yesiquita. Sem medo e sem dinheiro, entrou na primeira loja de celulares que encontrou, e com seu jeito mole de falar espanhol, jogou logo as cartas na mesa para o dono:

– Señor, no tengo dinero y quiero dos celulares.

Sem entender bullhufas da situação e das intenções da moça, ele ofereceu o chão da loja para ela limpar em troca de cinco capinhas coloridas para telefones.

Ninguém viu nem sabe como, mas no final do dia Yesiquita já negociava com os fornecedores e entregadores da loja. Sem muitos problemas para voltar ao Brasil, ela cruzou a fronteira caminhando, comprou uma passagem para um ônibus leito e foi embora. Mas a cena mais bizarra foi a campanha criada por ela para conseguir viver no morro sem problemas com a polícia: “Yesiquita quer casar com você”. Todos da família de seu Alberto sabiam das loucuras da mãe do filho de Fred e, por isso, logo correram para tentar ajudar o garoto com a pensão.

Adelar estava a postos, esperando o que poderia vir daqueles vinte minutos de atraso de Frederico, na confiança de ele trazer consigo o dinheiro dos quatro meses de pensão atrasada. Naquele momento, o conciliador tomou consciência do apelido de Yesiquita. Realmente parecia que ela possuía uma turbina acoplada ao corpo, pois não parava de falar e reclamar da irresponsabilidade do pai de seu filho. Com seu sotaque castelhano forte e muito acentuado, dizia do encantamento por ele há dois anos, quando ficou grávida, e assim, conforme ficava mais nervosa, mais seu sangue boliviano fervia e sua cadeira se mexia.

Não tardou muito para a comitiva familiar tomar assentos no salão comunitário. Eram pelo menos umas vinte pessoas, sem

contar mulheres e crianças, todos preparados para defender Fred da turbina de Yesiquita.

Todos, obviamente, não concordavam com a falta de hombridade do neto de seu Alberto, afinal, o filho é dele e ele tem direito e dever de cuidar. Não se coloca um filho no mundo e deixa às traças; é responsabilidade, do pai junto à mãe, formar aquele garoto para a vida. Contudo, família unida não deixa que um pedaço seu seja humilhado por Yesiquita Turbina.

Depois de duas horas de muita discussão de ambas as partes, um reclamando da falta do dinheiro e o outro de não poder ver o filho, e o pobre Adelar no meio do fogo cruzado, pai e mãe chegaram a um acordo: estabeleceram a data do pagamento da pensão e os dias de visita agora foram regulados no papel. Mas Adelar deixou claro que essa regra não é uma lei, pois a lei maior nas relações familiares é o amor.

Depois de toda essa confusão, foram todos, inclusive Fred e Yesiquita, para a casa de seu Alberto, onde a música já tocava e a comida não faltava.

## Capítulo 5

### ALGUÉM COMEU

Já passava das quatro da tarde e ainda chegavam parentes. Os últimos a dar o ar da graça foram os primos que viviam em outro estado. De dentro de um fusca azul celeste, seis pessoas desembarcaram no pé do morro e subiram as escadarias em pleno fôlego. Eram tantos degraus e curvas e rampas que Dona Tonha pensou que aqueles seriam seus derradeiros minutos de vida.

Lá no interior, onde morava, sua principal atividade era fazer requeijão caseiro para vender na feira da cidade e para o convento das Irmãs Reparadoras. A fama de seus produtos se espalhou pela região, e sempre havia muitas encomendas. Além do requeijão, ela também fornecia leite fresco sem qualquer tipo de conservante e pesado de gordura e nutrientes, encontrado apenas na roça.

Dona Tonha era viúva. Seu marido, Mário, morreu num terrível acidente de trator, quando ainda jovem, e a deixou com quatro filhos e uma pequena propriedade rural no entorno da cidadezinha

onde vivia. Dos quatro filhos, três são homens e apenas uma moça, mais preguiçosa que três bichos-preguiça-juntos-deitados-numa-rede-debaixo-de-um-coqueiro-a-beira-mar. Janete era uma mulher muito alta, quase dois metros de altura. Gostava de roupas sempre largas e estampadas com flores grandes ou frutas coloridas e variadas. Dizem que seu único vício era correr e nadar na única piscina, num raio de cem quilômetros de onde vivia. Diariamente, ela corria de sua casa, no centro da cidade, até o sítio da família. Voltava com o irmão, de carro. Além de correr, gostava muito de comer, experimentar comidas diferentes, e passava horas, aos domingos, na cozinha, ajudando a mãe ou testando pratos variados que aprendia em programas de culinária.

Naquele sábado de manhã, a matriarca da família colocou os filhos e uma vizinha muito querida chamada Naíva no fusca azul, e partiram para o Morro do Bafo Quente, para participar dos festejos de seu primo mais velho. Não que ela fosse muito mais nova que ele.

Dentro do carro muito pequeno e muito apertado, todos estavam estrategicamente encaixados um no outro, qualquer movimento imprevisível poderia causar uma catástrofe. O alívio se deu nas três paradas calculadas por dona Tonha, para todos tirarem água do joelho e recolocarem os ossos nos lugares novamente, mesmo por poucos minutos. Para cada um no fusca, o objetivo da viagem era distinto. Para Dona Tonha, rever o primo que não via desde duas décadas atrás e que inspirava recordações de infância e cheiros e gosto de meninice. Para Janete, comer iguarias diferentes e com fartura jamais vista; seus pensamentos sufocavam-na a ponto de deixá-la anestesiada. Para os filhos, bom, para os filhos de Dona Tonha nenhum motivo especial existia nessa apertada viagem. Já para a vizinha de Dona Tonha, o desejo sempre iminente de conhecer um namorado fazia seu coração brilhar como estrelas cadentes em noites de lua minguante.

A chegada à casa de seu Alberto foi triunfal. Há quem diga, ainda hoje, que poderia ser comparada à chegada da imperatriz Leopoldina ao Rio de Janeiro, quando o rei de Portugal ainda morava no Brasil. Os presentes (quase em sua totalidade comidas, como queijos, requeijões, doces, bolos e biscoitos de polvilho) foram entregues e ali mesmo colocados em comum para os convivas da festa.

O cansaço visível e audível de Dona Tonha e Janete, já que ambas não paravam de esbafar e reclamar da subida exaustiva de uma hora e meia até ali, deixou os convidados de seu Alberto e os parentes mais próximos um pouco incomodados. Porém, vinte minutos e quatro litros de água a menos na geladeira acalmaram os músculos dos parentes distantes. A essa altura, Naíva estava no meio de um pagode, cantando e dançando com um vizinho de mais ou menos cinquenta e cinco anos chamado Laerte. A pobre vítima fisgada por Naíva estava solteira desde a adolescência, quando sua primeira namorada mudou dali e nunca mais se encontraram. Há quem diga que a moça se casou com um banqueiro e se mudaram para a Polinésia Francesa, lá no meio do nada.

O sol estava baixando, o céu parecia ter sido pintado, naquele momento, por Romero Brito, de tão colorido que estava. Figuras disformes vermelhas, azuis, círculos de rosa e borrões marcados por cores quentes faziam daquele exato momento uma grande e invejável obra de arte. Seu Alberto, feliz demais com a visita de sua prima e amiga de infância, convidou-a para apreciarem este quadro da natureza do lado de fora da casa, e começar a colocar o papo em dia, cobertos pelo esplendor da criação.

Os dois tomaram caminhos muito diferentes na vida, viveram as penas e as alegrias separados de corpo e unidos em sentimentos. Os laços amarrados na mais tenra idade não se desfazem com facilidade.

– Tonha, se a saudade pudesse ser medida alguém deveria inventar uma fita para medir a que sinto por você, pois um metro não suportaria. Com a idade, a viuvez e a vida caminhando para o fim, eu só tenho minhas memórias para te dar, e peço, por favor, que as aceite e cuide para não perdê-las. Minha maior alegria é ver esta casa cheia. Tem pessoas que eu nem conheço, mas hoje são parte da minha família, esposas de netos, companheiros, amigos de tantos dos meus.

– Eu passei por muitas desventuras nesses anos todos. A morte de meu marido me fez ver o mundo e a luta por continuar de pé por meus filhos algo único. Por muito tempo me esqueci de mim para ser para eles. Hoje, meu primo, tudo que faço também é para eles, mas vivo para mim. Passados alguns anos dessa grande perda, me questionei se era possível eu, naquela situação, reencontrar o amor por outra pessoa, e cheguei a pensar no erro que cometeria se o encontrasse.

– Sempre estamos preocupados com a família, Tonha, mas o que é a família senão quem amamos?

**Vem viver este momento  
dos momentos (3x)  
ah sim guarda (2x)  
para sempre sempre sim  
guarda (4x)  
dos momentos**

*(Momento – Mauro Refosco, Isabel Gilberto de Oliveira e Masaharu Shimizu)*

**A**lvaro, Cleyton e Felix são os três filhos de Katarina, uma das filhas de seu Alberto. A vida sempre foi muito generosa com ela em todos os aspectos. Talvez ela mesma não tenha percebido isso, por isso vive reclamando de problemas tão mesquinhos e corriqueiros. Aos dezoito anos, ela se deixou seduzir pelos encantos de um colega da escola, e daí nasceu seu filho mais velho, Álvaro. Alguns anos depois, ela se casou com um jovem vendedor de óculos de sol e nasceu Cleyton, mas seu gênio forte e sua vontade inegotável de ficar em casa deitada no sofá abalaram o casamento até tudo ir por água abaixo. Cerca de dez anos depois, ela conheceu um novo amor, quase dez anos mais jovem. Mesmo com toda insistência dos amigos, ela decidiu arrumar um lugar para os dois viverem juntos e daí nasceu Felix. Esse amor juvenil tardio não vingou. O tal cavaleiro branco, como ela costumava o chamar, se deixou levar pelo pó branco.

O pai de Katarina, sempre foi muito preocupado e atencioso com os netos, fazia tudo que estivesse ao seu alcance para agradar os três netos preferidos, preferência que ele reluta em reconhecer. Mesmo com esse amor pelos netos e pela filha, ele sabe que um dia não estará mais ali para ajudar ou apagar os incêndios de Katarina. Comprar e gastar dinheiro compulsivamente sempre foram o ponto fraco da garota desde menininha.

Ao completar quatro anos, ela foi viver na casa de uma tia distante, em outra cidade. As condições de seu Alberto não eram as melhores, e essa senhora cuidaria da filha e daria a ela possibilidade de estudar. Que fique claro: ele e sua esposa não deram a menina, mas deixaram que lá vivesse por um tempo, até conseguir concluir, pelo menos, os estudos primários, naquela época muito fraquinhos ali no morro.

Cleuza era professora na escola primária, e o marido, dono de uma pequena mercearia. Eles tinham outra filha e estava por vir mais um bebê. Bartolomeu, o marido, gostava muito de tomar uma cerveja no final da tarde, e a cada dia o consumo da bebida aumentava. Ele nunca bateu nos filhos e na esposa, mas ficava muito agressivo e deixava de trabalhar cada vez mais. Menos dias trabalhados significava menos dinheiro para a família, o salário da esposa na escola dava apenas para despesas básicas, e a vida de conforto e regalias das crianças ficou para trás. Há quem diga que foi essa situação que causou em Katarina esse desejo descontrolado de comprar.

Quando retornou para a casa dos pais, no morro do Bafo Quente, quase quinze anos depois, grávida e com os estudos interrompidos, surgiu o interesse dela de buscar algo para fazer. Meio ingênua, pensou que trabalhar era sinônimo de ganhar na loteria,

e se maravilhou com o mundo das compras. Roupas, sapatos, brinquedos para os filhos e, lógico, dívidas.

Mas com todas essas adversidades e a alegria nascida delas, a vida sempre foi generosa com Katarina. Aos vinte e cinco anos, ela conseguiu um trabalho como secretária de um escritório de engenheiros florestais no centro da cidade. Hoje, um pouco mais controlada com seus gastos e vontades, mora com os três filhos numa casa grande para seu padrão, e nas horas vagas dá aula de confecção de bijuterias para crianças.

A paixão de sua vida é o pai, o exemplo de bem e mal conjugados na mesma pessoa. Não foi fácil perceber no pai o lado escuro. Ela conhecia o seu, mas não esperava a mesma coisa de seu Alberto. Um dia, depois de muitas reclamações de falta de dinheiro, ele disse para a filha cuidar da própria vida.

– Está na hora de você conhecer o mundo e não esperar de mim ou de ninguém o que só você pode dar, por conta própria, aos seus filhos. Eu continuo, junto com seus irmãos, sendo sua família, mas cada um é uma raiz, deve embrenhar no mundo em busca de água. Todos estamos unidos, todos temos responsabilidades e você também.

A dureza das palavras bateu no coração dela como ferro quente, o calor do momento derreteu o chão que sustentava seus pés. A sensação era de insegurança total, de não ter onde se apoiar, era mais um choque de realidade. A partir de agora não teria mais o pai para acudir suas loucuras. Por outro lado, um sentimento de independência começou a correr em suas veias, era seu momento de buscar sua identidade e resgatar a confiança da família.

O primeiro passo foi dado uma semana depois. Juntou tudo que tinha, colocou numa carroça alugada por quarenta reais e se

mudou com os filhos. O mais velho, com dezoito anos, segue o exemplo da mãe, não gosta muito de trabalhar e sabe como ninguém comprar e se mostrar para os amigos. A pena de dar para os meninos tudo que não pôde ter ao longo da vida é o único traço da irresponsabilidade com as finanças do passado. Com muito arrependimento, ela sempre se lembra de sua parte na herança da família de criação. Gastou todo o dinheiro.

Hoje, no aniversário do pai, vê sua família reunida e alegre, disposta a se entregar novamente a ela como parte irremovível dessa grande árvore de carinho e afeto. E deixando toda melancolia de lado, Katarina vestiu um vestido amarelo com rendas e lantejoulas, calçou suas sandálias preferidas e caiu no samba. Antes da prima Tonha chegar com a comitiva do interior, foi vista com o pai dançando bochecha com bochecha. Provavelmente, a maior recordação do almoço de sábado, na véspera da grande festa de aniversário do pai, foi poder sentar-se com ele à mesa e comer arroz com macarrão e molho de tomate com cebola, preparado pela cunhada e amiga sempre presente, Neidinha.

## Capítulo 7

# AS CORDAS SÃO DE AÇO

**A** lua cheia enorme e dourada já estava alta no céu dando à noite tons escuros, mais intensos. As cores vibrantes do dia cediam espaço para o brilho da noite, nas roupas, nas luzes, no piscar das estrelas no céu, a milhões de anos luz de distância, ainda capazes de fazer sua luz chegar até aqui e colocar um ponto de esperança onde a luz momentaneamente se escondeu. Cada convidado, exausto de um dia de festa, já procurava um lugar para descansar o corpo e preparar o espírito para mais um dia. A casa de seu Alberto é bem grande, e espaço não seria um problema. O espaço para acomodar tantas pessoas podia não ser o mais adequado, mas a boa vontade de cada um de estar ali e fazer da festa um momento inesquecível transcendia os apertos e o chão duro.

As crianças foram as primeiras a buscar repouso. Parece mágica, quando o sono chega não importa o lugar ou o que estão fazendo, dormem ali mesmo e independente do volume da música



e chiado dos risos, ou mesmo o estouro dos fogos lá fora – nada consegue tirar aqueles pequenos futuros da família de seu sono profundo.

Na casa de seu Alberto, as crianças sempre foram muito importantes. A prova são os oito filhos em dois casamentos. Essa quantidade de garotos e garotas correndo e pulando por toda parte às vezes trazia algum inconveniente. Olhando para toda sua família acomodada e dormindo, ele refletia sobre os tempos antigos, quando quase todos eram ainda bem pequenos, as estripulias de cada um, as brigas entre as mocinhas na disputa para decidir quem dormiria com a boneca à noite ou qual delas seria a professora nas brincadeiras de escolinha.

Seu Alberto caminhou por toda a casa, olhando se cada um dos seus estava devidamente aconchegado. Sentou-se à mesa da cozinha, com uma caneca esmaltada, com partes da tinta já corroídas pela ferrugem, os desenhos de verduras e legumes em volta praticamente apagados por tantos anos de uso. Não demorou para alguém se levantar para tomar água e parar ali: a nora do filho caçula do primeiro casamento, uma menina bonita de cabelos castanhos encaracolados, ainda estudante do Ensino Médio. Morgana tomou um lugar junto ao sogro, com o copo d'água preso nas mãos, sem reação, pois o sono e o cansaço do dia não lhe permitiam mais. Porém, queria ficar ali, aspirava a escutar as palavras daquele homem tão velho e enrugado, alguma história, a infância do marido.

Meio desconfiado, seu Alberto começou a contar histórias sobre o passado. Nesses últimos dias, com toda essa movimentação em sua casa, tanta gente inesperada aparecendo, a memória tomou mais força, as lembranças pareciam querer sair de sua cabeça e tomar espaço na imaginação de todos que fizessem parte delas, e começou...

– Quando minha primeira esposa faleceu e eu conheci a avó do seu marido, há muitos anos, um dos primeiros pedidos que ela me fez foi de termos um cachorro em casa. Eu nunca concordei muito com a ideia, mas não podia discordar dela. O cachorro morou conosco por vários anos. Minha mulher morreu, eu conheci aquela que seria minha última companheira, e o cachorro continuava lá.

Um dia como outro qualquer eu estava no trabalho e algum desconhecido chegou muito apressado perguntando quem era o Alberto. “Alberto é você? Sua esposa pediu para você ir correndo para o hospital da cidade, ela disse que não é nada grave e o Jaime está bem.” Meio sem entender aquelas informações eu saí em disparada a pé para o hospital. Não era muito longe dali, e se eu tivesse que esperar um ônibus perderia mais tempo.

Aproximando-me da entrada do hospital, vi todos os meus filhos, menos o Jaime, sentados sobre uma mureta pintada de bege. Minha esposa, Cleide, estava imóvel, escorada no batente da porta principal com os olhos vermelhos e a respiração bem miúda; logo percebi algo errado no ar. Dizem que mãe sente mais as dores dos filhos, mas posso te garantir que eu naquele momento senti tudo que o Jaime sentia.

O médico me disse da necessidade de uma cirurgia no rosto, a mordida do cachorro foi violenta. Demoramos meses para nos recuperar do susto e não conseguimos sozinhos. Se não fossem os vizinhos e amigos aqui do morro para ajudar a carregar o Jaime, comprar os remédios, fazer companhia para o menino e alegrar a casa todo dia, não teríamos conseguido. Cleide e eu trabalhávamos em período integral; as crianças mais novas eram cuidadas pelas mais velhas. Jaime era um dos mais velhos e responsável por buscar

as irmãs na escola; no período de recuperação, ele não podia sair de casa. Iolanda, uma vizinha que morava aqui em frente, mãe do melhor amigo dele na época, se encarregou de ir todos os dias buscar as meninas e esquentar o almoço para todos eles.

Depois de contar a história, percebeu os olhos sonolentos de Morgana, levantou-se e ajudou-a a caminhar até a cama. Seu Alberto, com a delicadeza devotada de uma mãe, cobriu a menina e o neto com um lençol branco e foi se deitar também. Os ossos idosos estavam muito cansados de andar para todo lado. Não podia negar a alegria de rever a prima Tonha com tantos filhos e histórias, a ansiedade pelo novo dia quase não o deixou dormir naquela noite. A princípio, as festas de aniversário não eram muito desejadas por ele. Queria apenas sua família próxima, comer sua comida preferida e dançar. Ele sempre dizia que uma vida sem música é sem graça, e é mesmo.

## Capítulo 8

### É TÃO INGÊNUO

**N**o interior, o galo canta para acordar quem está dormindo, inclusive no domingo. No Morro do Bafo Quente não tem galo nem galinha, mas tem *Corra e olha o céu*, de Cartola.

Linda  
Te sinto mais bela  
Te fico na espera  
Me sinto tão só  
Mas o tempo que passa  
Em dor maior, bem maior  
Linda  
No que se apresenta  
O triste se ausenta  
Fez-se a alegria  
Corra e olhe o céu

**Que o sol vem trazer**

**Bom dia**

**Ai, corra e olhe o céu**

**Que o sol vem trazer**

**Bom dia.**

(Corra e olha o céu – *Cartola*)

O dia amanheceu animado, muita música, muito samba, muitos ovos fritos com arroz de ontem no café da manhã e alguns litros de café. Logo cedo, se reuniram à festa os vizinhos que não puderam estar presentes no dia anterior, muita gente trabalha aos sábados até tarde nos bailes da comunidade e no comércio local.

Mas nem só de ovo frito vivem os festeiros, havia muito para ser preparado. A comida, a decoração, todo aquele pessoal tinha que tomar banho, e numa casa com um banheiro era necessário estabelecer regras claras de convívio e uso. Yesiquita se encarregou de controlar as entradas e saídas do “baño” – como ela dizia.

Neidinha já estava a mil por hora, não queria pessoas fazendo muito barulho perto do quarto do sogro – “hoje é dia dele, vão todos pra laje e parem de incomodar” –; mal sabia ela que ele foi o primeiro a subir para a laje recolher o lixo do dia anterior, organizar as cadeiras e passar um pano surrado meio úmido para tirar o pó e secar o sereno da noite.

Depois de terminar a pequena faxina, o senhor, hoje um pouco mais idoso que ontem, escorou-se numa caixa d’água, cochilou e roncou. Não demorou muito para subirem as crianças, os adultos para colocar a carne na churrasqueira, e com todo esse vaivém, chegaram, também, os presentes.

Houve quem trouxe camisas dos mais variados tipos, cores, tamanhos, formas e tecidos. Da mesma forma apareceram sapa-

tos, chinelos e sandálias. Seu Alberto não sabia o que fazer com a quantidade enorme de roupas. “Vô, por que o senhor não abre uma loja?”, disse um dos netos, que na verdade não era neto, e sim o filho do primeiro casamento da esposa de um de seus filhos.

Há alguns anos, ir para a universidade e estudar para ter um diploma era algo para ricos, apenas algumas pessoas tinham condições de pagar pelos estudos. Seu Alberto e nenhum dos filhos conseguiram. Na favela, podem-se usar os dedos das mãos para contar quantas pessoas alcançaram o sonho de ir para a faculdade. Uma dessas pessoas é a neta e um dos orgulhos do patriarca da família. Lilian tem vinte e dois anos e estuda biologia. Seu sonho é ser professora universitária e ser exemplo de bravura rumo a um sonho para outros jovens. Um professor reconheceu nela potencial, e fez todo o possível para ajudar a moça a fazer um intercâmbio fora do Brasil.

Faz mais de um ano que seu Alberto não vê a neta e raramente conversa com ela pela internet, afinal ele não sabe apertar todos aqueles botões e teclas, e nem sempre os outros netos têm paciência de conectá-lo ao mundo e à neta.

O melhor presente de seu aniversário chegou sorrateiro por trás da cadeira onde Alberto estava, olhos nos olhos cheios de lágrimas e deixou apenas uma gota cair em cima dos poucos fios de cabelos grisalhos que cobriam a cabeça do avô. Com mãos delicadas e perfumadas tocou seus olhos. O cheiro do perfume da neta acometeu suas narinas e a imagem dela e flashes de memórias da infância daquela pequena criança roubaram seus sonhos e o trouxeram à realidade.

Quando ela foi morar no México para estudar animais, cobras e lagartos, os dois se abraçaram e choraram em silêncio, soltaram-se, e sem dizer uma única palavra de despedida, Lilian desceu a

ladeira correndo até a casa da mãe. O choro lhe roubou a euforia da viagem de avião, de conhecer uma nova cultura e um novo país. Desde muito pequena sempre foi muito apegada ao avô. Agora, a alegria era diferente: reencontrar os familiares e chegar ao aniversário do amado vovô.

A manhã seguia esplendidamente alegre. O céu com um azul bem claro, sem qualquer vestígio de nuvens, o brilho do sol sobre os telhados vivos de cor, e as lajes da comunidade começando a se encher de pessoas eufóricas para celebrar o domingo. O cheiro de carvão na churrasqueira improvisada com tijolos, o barulho das garrafas pet de refrigerante sendo abertas logo, risos, conversas. Não poderia haver nada melhor para um homem de tantas décadas que celebrar a alegria de viver num dia tão bonito.

## Capítulo 9

### DUVIDA DO QUE VÊ?

**A**s portas da casa nunca ficaram totalmente trancadas. A relação de confiança entre os vizinhos e a fama de seu Alberto, por toda a comunidade, como sendo um dos moradores mais antigos da região e um grande homem, respeitado e querido por todos, faziam com que trancas, tramelas, cadeados e correntes para preservar a segurança do patrimônio construído com muita peleja e o bem-estar da família não ser violado não fossem necessários.

A qualquer hora do dia ou da noite, a porta sempre estava aberta ou destrancada, tanto que nenhum dos habitantes dos cômodos coloridos e arejados, porém bastante apertados em algumas situações, possuía a chave da porta principal. O entra e sai de vizinhos em busca de qualquer auxílio, pó de café emprestado ou a ajuda do Juninho para usar o computador recém-comprado em alguma loja de crediário fácil das tantas espalhadas pela ladeira principal da favela era algo absolutamente corriqueiro.

Um costume bastante comum de algumas mães no interior é pedir a algum parente, amigo ou vizinho para cuidar dos filhos enquanto ela vai ao supermercado, à padaria ou mesmo ao salão de beleza para arrumar o cabelo, enfim, tirar um tempinho só para ela sem crianças ao seu redor, gritando e implorando por doces, chocolates ou correndo pelas ruas desvairadamente, pois os pequenos não se dão conta de olhar as ruas ao atravessar.

Ali no morro, esse costume tipicamente interiorano é hábito. Juliana mora a três becos de distância da casa de seu Alberto. Tem três filhos que são o terror de qualquer casa organizada; aonde as crianças chegam não fica um vaso inteiro ou pintura da parede intacta. Os meninos amam ficar na casa colorida de seu Alberto. Além de outras crianças para brincar, não faltam os saquinhos plásticos cheios de suco de uva congelado; ali no morro todos conhecem esse refresco como dim-dim.

Como de costume, às oito da manhã, um furacão adentrou a casa. Parada na porta, com a luz do sol ao fundo, só era possível perceber a silhueta da moça com uma sacola ecológica decorada com desenhos de folhas de árvores e o cabelo crespo e encaracolado amarrado no alto da cabeça; e um pouco à frente a forma dos três filhos se fez visível.

Nesse domingo, especialmente, ela não veio deixar os filhos sob os cuidados de Neidinha. O motivo da visita era agradecer ao dono da casa por tantos anos de ajuda e socorro em momentos delicados. Não necessariamente maus, alguns meio engraçados, outros constrangedores, mas todos facilmente contornados pela astúcia de seu Alberto e o carinho dele por ela e os filhos.

Não é segredo quanto Juliana gosta de namorar. Não passa um mês sem ela cair completamente apaixonada por algum rapaz.

Todos são o amor de sua vida, e se por qualquer motivo o rapaz a deixa, a vida dela perde o sentido. Mas não leva dois dias para a ferida do amor não correspondido sarar. E sara tão rápido, pois quase sempre na mesma semana um novo e eterno amor aparece.

Numa noite muito escura de um outubro qualquer, Juliana chegou à casa de seu Alberto pé ante pé e não disse uma palavra. Sentou-se ao lado dele no sofá da sala, reparou nos detalhes da colcha que o cobria, feita de fuxico, um artesanato típico de Minas Gerais, olhou com cuidado para todos os cantos e cochichou ao ouvido do idoso senhor.

Minutos depois, ela se encontrava caminhando rápida, mas sorrateiramente, pelos becos e vielas da comunidade, vestida de calça preta, camisa azul-escuro, gravata marrom e um chapéu panamá muito surrado para esconder a cabeleira volumosa.

A fantasia tinha por objetivo mantê-la camuflada ao passar por baixo da janela de Ilda. Ela suspeitava da presença de Gildewagner, seu namorado da época. Antes de chegar à casa da mulher e armar um maior deus nos acuda, escutou um barulhinho de passos bem leves; ao virar-se, deu de cara com seu Alberto. Ele a convenceu de deixar essa confusão de lado, voltar para o aconchego dos filhos, pois o único amor verdadeiro é o daqueles que são partes reais de nossas vidas. Ela relutou, balançou os braços falando baixinho, contudo os argumentos de seu Alberto foram mais fortes que o desejo de esbofetear o futuro ex-namorado e a futura esposa dele. Afinal, Ilda e Gildewagner se casaram seis meses depois.

Por essas e outras, Juliana se sentia em dívida com o bom velhinho, que não era o Papai Noel. Agradecer era a maneira mais afetiva que encontrou de espalhar o bem-querer dela e de seus filhos por seu Alberto e sua família.

## Capítulo 10

# O SIM E A COMIDA

**H**á um ditado que diz: “quer conseguir uma resposta favorável de alguém? Convide-a para um jantar”. Permita ao convidado saciar-se e depois de percebê-lo completamente abarrotado, farto de comida, faça-lhe a proposta. Ele vai dizer sim.

Cozinhar é uma arte, comer, um prazer, e servir a refeição é sempre uma festa. A mistura de cores dos ingredientes, os cheiros exalados do cozimento, texturas, a vista, tudo pode levar os comensais a um deleite sem igual e tornar o anfitrião um herói dos prazeres gastronômicos.

O momento de cada refeição reúne os habitantes, talvez o ato de comer seja apenas uma desculpa para estar juntos, falar sobre a vida, o dia, o trabalho, as alegrias, e sobre a vida alheia, pois ninguém é perfeito. Quando amigos, familiares, conhecidos, amigos de amigos, enfim, quando pessoas se reúnem para celebrar algo, seja a vida ou um momento, o que traz todos ao mesmo lugar é o

gesto de comer. A festa de seu Alberto começou a ser planejada a partir da comida e não poderia ser diferente naquela casa.

Havia três semanas, um dedo descompassado tocara a campainha de uma jovem empreendedora que vira na produção caseira de salgadinhos uma forma de ser independente. Adriana é conhecida em cada beco do morro por suas famosas empadas. Carne seca, camarão, palmito ou frango com azeitona, não importa o recheio, em qualquer lugar ela passa carregando uma caixa de isopor pintada com seu telefone para encomendas. Seria Adriana a responsável por um dos deleites culinários da festa de seu Alberto. Neidinha havia acordado mais cedo com a intenção de passar na casa da moça e negociar duzentas empadas, metade de carne seca, metade de palmito. Os detalhes do pedido seriam acertados posteriormente, quando o dinheiro fosse arrecadado.

Como não só de empadas se faz uma festa, um bolo também foi solicitado à companheira de gafeira do aniversariante. Dona Arlinda, que trabalhara durante muitos anos como atendente de uma confeitaria, aprendeu de vista a fazer os bolos comprados diariamente pelas madames na loja e feitos por ela à noite, em casa, para vender às clientes na comunidade. Graças ao dinheiro extra, conseguiu pagar a casa onde mora. Hoje aposentada, continua fazendo bolos, mas os recursos adquiridos têm outro destino: as viagens da terceira idade organizadas pelo grupo de idosos da igreja do morro. Não teve filhos com o marido, falecido há mais de vinte anos; seus familiares mais próximos vivem distantes, e encontrou na amizade com seu Alberto o conforto familiar. Antes de a artrose molestar os passos de dança do seu parceiro, não passava sexta-feira sem que ela e Alberto colocassem a melhor roupa de baile. Ele acrescentava

um chapéu branco, e ela, uma rosa de tecido presa ao cabelo. Desciam os dois para a gafeira e não voltavam às suas casas antes da lua reclamar seu cansaço e o sol, com ar de preguiçoso, avisar que já estava à caminho.

O bolo preferido de seu Alberto foi o pedido: mousse de maracujá, bem fraquinho no açúcar e chocolate, esse meio amargo para equilibrar a doçura da vida e não deixar o anfitrião se esquecer das mazelas que também cruzaram sua estrada.

Além de bolo, das empadas, da carne assada, da maionese de batatas e ovos, o queijo assado no palito e arroz amarelo não podiam faltar. Um dos filhos de seu Alberto, borracheiro desde a adolescência e cozinheiro da mais alta patente em sua casa, encarregou-se de preparar a salga da carne, coxas e asas de galinha e linguiça; a maionese temperada apenas com margarina e sal era esperada com ansiedade, principalmente pelos seus filhos.

Os preparativos começaram logo cedo na cozinha apertada e pouco ventilada. O espaço era pouco para tantas pessoas dispostas a ajudar. Sem contar as crianças desesperadas por algo que pudesse não saciar sua fome, mas apaziguar o desejo de comer simplesmente para sentir o sabor. Os ruídos dos utensílios domésticos a pleno uso se misturaram com as vozes e risadas das mulheres felizes com as piadas e anedotas contadas pelo único cozinheiro da casa. Jairo era o único filho solteiro de seu Alberto e também o único que não ocupou a cabeça do pai, da mãe e da madrasta com preocupações. Sempre dedicado ao trabalho e apaixonado pela cozinha, teve algumas namoradas, mas nenhuma vingou. Tinha no íntimo do seu coração a certeza de dedicar sua vida ao cuidado do pai, quando este se tornasse velho. Para alguns de seus irmãos, ele gostava do papel de “mártir”. Para ele, era apenas retribuir o cuidado e dedicação

de alguém que, mesmo na humildade, preservou e educou os filhos com amor e respeito.

A essa altura, o cheiro de cebola refogada e dos primeiros pedaços de linguiça circulavam entre os cômodos da casa. Já passava das dez da manhã, os estômagos outrora saciados pelo café da manhã farto agora anunciavam os primeiros sinais de esvaziamento. Na laje, uma mesa com tábuas e cavaletes fora montada na véspera, e cadeiras de metal de abrir com propagandas de bebidas no encosto foram organizadas estrategicamente, de modo que no centro se encontrasse a mesa onde os convidados se dirigiriam apenas para colocar a comida nos pratos de papel descartável e se servir de bebidas em copos plásticos.

Na sala, o DVD estridente tocava músicas de gafeira e sambistas contemporâneos como Arlindo Cruz, Thiaguinho e Diogo Nogueira. Para a grande maioria dos ali presentes, a música era boa, especialmente, para sacudir o esqueleto. Músicas de gafeira sempre foram a paixão do rei da festa. Desde o tempos de solteirice dançar era a melhor e mais barata maneira de aproveitar o tempo livre nas noites de sexta-feira, emendando a tarde de sábado com o domingo, e só deixava a poeira do salão se aquietar bem tarde da noite.

## Capítulo 11

# DEIXA ISSO PRA LÁ

**U**m bom cozinheiro diz que é necessária uma pitada de sal em praticamente todas as receitas; segundo ele, só assim os sabores se incorporam numa perfeição quase mágica. Na festa, a pitada de sal foi o namorado de uma das netas mais velhas do dono da casa.

Sara e o namorado, Jonas, chegaram para felicitar o avô quase ao meio-dia. Todos estavam em clímax gastronômico. O churrasqueiro passava com um prato cheio de carne assada insistindo com um olhar carente para que apenas um pedacinho a mais fosse forçadamente ingerido. Todos estavam exaustos e fartos, mas não conseguiram resistir à eloquência do bom homem, pois este não pedia nada além de “só mais esse para terminar, por favor, está melhor que o anterior”.

O moço, Jonas, é funkeiro, trabalha fazendo shows nas favelas vizinhas e até levou sua música à capital algumas vezes. Assumi-



damente preconceituoso contra alguns estilos musicais, como o samba e o pagode, ao pisar na casa com o pé direito, já fechou a cara assim que escutou a música. Sentou-se numa cadeira, afastado de todos, e nem foi saudar o aniversariante. Meio sem graça com a atitude do namorado, Sara foi até ele algumas vezes tentar, sem sucesso, entrosar o amado com seus parentes. À medida que o tempo passava e a comida pesava no estômago, Jonas parecia se transformar: o rosto ficou vermelho, os dedos até então sossegados puxavam descontroladamente os fios de barba, os pés tremiam com tal violência que o chinelo do pé direito voou até o teto ao sair devido ao movimento frenético.

Não demorou muito para que o leão dentro dele rugisse. Como um animal antes enjaulado e agora livre, Jonas se levantou da cadeira e, cegamente, com passos maiores que as próprias pernas, foi até o aparelho de som e desligou a música, sem ao menos pedir licença. O clima tenso se instaurou, uma nuvem preta cobriu a casa de seu Alberto. Os olhos vermelhos do namorado da neta olharam pausadamente cada um dos convidados, e lentamente removiam a vista de um para o outro. A mensagem era clara: “eu venço”. Ele tirou do bolso dianteiro da calça jeans surrada um pendrive e o encaixou no DVD. De imediato, uma batida estridente de funk roubou o silêncio.

Franklin, o garoto gente boa responsável pelas músicas da festa, desceu os degraus que ligam a laje à sala para ver o que estava acontecendo. Ele não tem nenhum problema quanto ao funk, gosta e até leva para as suas festas. Mas a atitude brusca de Jonas tirou-lhe a calma. Prevendo uma possível situação que pudesse tirar o clima de alegria da festa, Adelar, o líder comunitário, se desvencilhou da multidão aglomerada na pequena sala e se posicionou no meio dos

dois. Ele pôde sentir o calor exalando entre os oponentes, e com muita prudência fez um gesto com as duas mãos pedindo calma.

Vinte minutos depois tudo estava recolocado em seu lugar, os dois rapazes retomaram a consciência do respeito que deveriam ter pelo ambiente e principalmente por seu Alberto. Sobre o que antes era um problema, a música, depois de conversar e compreender a diversidade do ambiente, Franklin e Jonas firmaram uma espécie de acordo verbal: a vontade que devia prevalecer quanto às músicas era a de seu Alberto. Ele era o sentido daquela vez, da reunião em família, do belo encontro entre amigos, era por ele que o respeito naquele dia devia primordialmente vigorar.

– Ao mantermos calma e respeito à vontade de seu Alberto, respeitamos uns aos outros como família e como comunidade e reconhecemos a beleza da diversidade, de tudo que é diferente de nós e pode ser tão bom quanto nossas vontades. É por ele e foi por meio dele que um dia nós todos pudemos nos conhecer, conviver e aprender – disse o conciliador voluntário e líder da comunidade.

Aos poucos, o ambiente voltou ao normal, a gafeira continuou, porém com o volume um pouco mais baixo. O encenqueiro Jonas, agora arrependido de seu comportamento, se juntou aos outros na laje, longe do barulho da música. As pessoas, anteriormente cansadas de tanto comer, renovaram o ânimo e devoraram as empadas e o arroz restante. O murmúrio deu novamente lugar ao riso e à alegria, pelo menos até a fadiga se estabelecer de vez entre os convivas, já extremamente cansados de três dias ininterruptos de comemorações.

A vaga lembrança da segunda-feira começou a se materializar e desacomodar os corpos bem acomodados nas cadeiras e bancos. Na TV ligada no andar de baixo, a musiqueta do Fantástico

já ressoava, o que todos entenderam como um aviso para se levantar de onde estavam e, a contragosto, retornar para suas próprias casas.

A bagunça foi grossamente organizada ainda pelos convidados: as panelas sujas e o chão cheio de papel jogado, as camas e colchões espalhados por todos os cantos, ainda desarrumados, desde a manhã, vagorosamente foram guardados. As lembranças intensas desse aniversário vão continuar vivas e brilhantes na memória de cada um que esteve lá ou de alguma maneira ficou sabendo das histórias ali vividas.

## Capítulo 12

### EU SEM TI

**D**epois que a festa passou, e os três dias de algazarra se foram, e deixaram, além dos pratos e copos plásticos espalhados pelo chão, um vazio na alma de seu Alberto, ele sentiu seu peito desguarnecido. Todos os anos de vida, tantas pessoas cruzando seus passos, deixando marcas profundas em quem ele era, sua família, seus amigos pareciam tê-lo deixado para sempre.

Com passos miúdos e cansados, o velhinho caminhou até uma poltrona muito antiga. Os estofados já estavam carcomidos pelos anos, o tecido vermelho fogo que outrora impunha certa autoridade ao assento no meio da sala, hoje era apenas um borrão amarronzado, coberto por uma colcha feita de retalhos, comprada pela nora em uma liquidação no centro da cidade. Mas mesmo assim foi ali o lugar escolhido por seu Alberto para admirar os últimos minutos de seu aniversário.

As décadas que pesavam nas costas eram ricas de calor. Seu lar era o lugar onde aprendeu a ser o que era. Sentado ali no canto, calado e pensativo, agarrou-se às memórias mais uma vez e pensou sobre seu lar. Olhou atentamente cada parede que o cercava na sala, as cores vibrantes e sem qualquer critério de combinação entre elas. Os móveis novos, comprados em parcelas a sumir de vista, e os antigos armários e cadeiras de madeira feitos por ele mesmo nos dias de folga antes do primeiro casamento. Pela janela, via um emaranhado de luzes, quase todas brancas, salpicando das casas dos vizinhos com quem viveu por toda a vida.

Uma leve brisa soprou em seus olhos até que eles se fechassem completamente e dessem lugar às imagens passadas. Lar, uma palavra tão breve — apenas três letras capazes de definir o futuro e o presente de uma criança, podem determinar o passado e regar a história com boas ou más lembranças. Provavelmente, quem inventou a palavra lar estava sentado diante de uma lareira, aquele lugar quente de onde exala o calor necessário para enfrentar o frio mortal nos dias de inverno em lugares onde o frio realmente é frio. A família é como uma lareira quente e confortável. Infelizmente a lareira só tem utilidade quando realmente se faz necessária. Ninguém acende o fogo no verão, no calor do sol; a umidade abafada da cidade nos dias de janeiro, às vezes, faz com que as pessoas se esqueçam dela.

O sol sempre estará lá fora para aquecer, se não houver nuvens que o cubram, e o fogo sempre estará ao alcance, basta acender. Assim também é a família, talvez não a família dos sonhos, na qual todos são felizes e vivem perfeitamente todos os dias sem problemas, brigas ou discussões. Talvez a família não tenha o pai, e seja a mãe o principal provedor das necessidades, ou os avós, ou

os tios, ou os amigos, não importa quem é ou como é a família, o imprescindível é a certeza de sempre poder contar com a família.

Os sonhos de lareira, fogo e sol foram embora. A dor no peito o fez emergir de súbito, a dor era forte e se estendia por todo o braço esquerdo; ao mesmo tempo uma falta de ar terrível sufocava seus pulmões. Quando parecia não haver mais saída, uma mão quente e molhada de suor tocou sua testa, e segurou sua mão. A voz que lhe falou era doce e ofegante, era possível encontrar rastros de conforto e aconchego em cada palavra. Aos poucos o calor na sala aumentou, as vozes ficaram mais fortes e carinhosas.

Como se tudo estivesse pronto, como se cada pessoa ali sempre estivesse preparada, aos poucos cada um se despediu, alguns pediram perdão, outros prometeram manter a família sempre unida para sempre. A boca de seu Alberto não podia emitir sons, nem ruídos e também não eram necessários; seus olhos, cansados pelo tempo, pela festa, pelas decepções e pela catarata comunicavam. Seu olhar parecia um farol de afeto. Olhou para cada um dos seus, cada filho, neto, enteado, cada pessoa cujo sangue não era seu, mas o amor corrente nas veias era parte de quem ele era.

E num instante, o brilho dos raios de sol iluminou a casa.

**Há quem fale que a vida da gente é um nada no mundo,  
É uma gota, é um tempo  
Que nem dá um segundo,  
Há quem fale que é um divino mistério profundo,  
É o sopro do Criador numa atitude repleta de amor.**